

Quando ser latino é conveniente: uma análise da série *Desperate Housewives*¹

Lucyanna Maria de Souza Melo²

Maria Clara de Oliveira Martins³

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

As tensões e a manutenção de estereótipos que envolvem as questões de identidade étnica estão intrínsecas à sociedade e não seria diferente com os textos midiáticos que refletem a cultura do corpo social. A série norte-americana *Desperate Housewives* identifica tais tensões, em episódios específicos, trazendo uma reflexão sobre as performances e enquadramentos aos quais os personagens latinos estão inclusos no contexto dos Estados Unidos. Através da análise de um dos episódios da sexta temporada da série, buscou-se observar de que maneira a performance dos personagens latinos é construída, baseados nos conceitos de performance de Taylor (2013) e Sennett (2016), nas concepções de cultura e representação de Hall (2013) e tomando como apoio as ideias de enquadramento e precariedade desenvolvida por Butler (2015).

Palavras-Chave: *Desperate Housewives*; Latino; Performance; Precariedade.

INTRODUÇÃO

Ao trazer a problemática de estereótipos, que levam a uma determinada performance étnica, o seriado *Desperate Housewives*, no 12º episódio da 6ª temporada traz a reflexões sobre o que constitui a identidade latino-americana, de maneira específica, a identidade mexicana. O recorte do episódio selecionado demonstra como as determinações identitárias são construídas, não apenas em esferas individuais, mas principalmente em contextos macro sociais que atuam através de certas imposições.

¹ Trabalho apresentado na DT 8- Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018

² Estudante de graduação, 5º Semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: lucyanna.melo@hotmail.com

³ Estudante de graduação, 5º Semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: mariaclaramartins1998@gmail.com

Apesar de não agirem de forma onipotente, essas características pré-determinadas influenciam profundamente os papéis performáticos associados a cada conjunto de indivíduos. Tais papéis precisam ser necessariamente categorizados em um enquadramento inteligível para o conjunto hegemônico social, podendo, como no caso da população mexicana mais pobre, serem apenas apreendidos em uma existência perceptível, onde suas vidas parecem estar condicionadas a uma noção de precariedade. No núcleo familiar aqui analisado, os personagens conseguem negociar sua identidade por meio do reconhecimento social de uma posição econômica, como apontado por Butler:

(...) uma vida tem que ser inteligível como uma vida, tem que se conformar a certas concepções do que é a vida a fim de se tornar reconhecível. Assim, da mesma forma que as normas da condição de ser reconhecido preparam caminho para o reconhecimento, os esquemas de inteligibilidade condicionam e produzem essas normas. (BUTLER, 2015, p.21)

Assim, utilizando noções abordadas por Taylor (2013) na área de performance, é possível perceber a crítica que, em certa medida, é colocada em relação a uma visão simplista da performance dos mexicanos na sociedade. A identidade latina é construída enquanto correspondente a um determinado comportamento roteirizado com aspectos praticamente obrigatórios que a tornam autêntica, sendo assim enquadrados no conceito de estereotipagem (HALL,2003, p.190)

Nesse sentido, observamos a presença de características, como o domínio do espanhol, a culinária e a pobreza entre outros hábitos culturais sendo relacionados ao ser mexicano. Esses elementos são comumente encontrados em arquivos midiáticos e servem para consolidar um determinado roteiro identitário.

Além da questão étnica propriamente dita, ainda são identificadas as noções de classe como determinantes do ser mexicano, que ao ascender economicamente se distancia do enquadramento da invisibilidade, descrito por BUTLER (2015,p. 24). Quando categorizada como vida vivível e visível dentro da moldura social, o núcleo

familiar, objeto da análise do episódio, apresenta-se como detentor de um aspecto que aparentemente os distancia da sua etnia: o poder aquisitivo mais alto. Embora, em outros contextos essa identidade volte a ser perceptível por outros (sociedade americana) por meio de elementos como características fenotípicas e o idioma, criando possibilidade de negociação identitária.

DESPERATE HOUSEWIVES

A série aqui analisada, *Desperate Housewives*, conta as histórias, de forma interdependente, de cinco donas de casas que moram em um bairro de classe média, classe média alta, no subúrbio da cidade de Fairview. A série televisiva foi exibida e transmitida pela emissora de televisão ABC, entre 2004 e 2012, possuindo oito temporadas já finalizadas. Escolhemos o décimo segundo episódio da sexta temporada, pois ele traz a temática da etnicidade e da identidade racial.

Dentre o núcleo de personagens, em foco na análise estão: Gabrielle e Carlos Solis, um abastado casal que tem duas filhas, Juanita, a mais velha e Célia, a caçula. No episódio, o casal está indo a uma reunião com o diretor de uma escola particular, a melhor da cidade, para tentar conseguir uma vaga para Juanita, já que a instituição possui uma lista de espera. Já na reunião, o diretor pontua que apesar da longa lista, seria interessante ter uma diversidade cultural e étnica na escola, majoritariamente branca, com uma aluna mexicana.

Juanita, que estava entre os pais na reunião, assusta-se com o fato do diretor ter lhe chamado de mexicana, questionando aos pais a veracidade disso, e se autodeclarando americana. O clima no ambiente fica tenso, com Carlos e Gabrielle dizendo que Juanita pode ter nascido nos Estados Unidos, mas sua ancestralidade era mexicana. A menina fala - “Somos como aquelas pessoas que vendem laranja na estrada?” – afirmando o seu desconhecimento sobre a própria cultura e disseminando

um estereótipo do povo mexicano, criando assim uma imagem simplista. Esta forma de representação é apontado por Stuart Hall (2003, p. 190) como problemática, pois é baseada na concepção de um estereótipo que tende a reduzir e generalizar o outro.

Vendo que a situação não estava indo bem, Gabrielle e Carlos se levantam para ir embora e ao saírem, juntamente com Juanita, pedem para ela falar “Adiós, Señor! ”, mesmo ela dizendo que não sabia o significado daquilo que estava falando. Já no carro, voltando para casa, Gabrielle questiona a filha, perguntando como ela não sabia que era mexicana, sendo que eles comiam comida mexicana o tempo todo; ao que Juanita rebate, que eles comiam comida chinesa o tempo todo, mas aquilo não a fazia chinesa.

Em outra cena, Carlos e Gabrielle estão na frente de casa e se perguntam: “Como deixamos nossa filha crescer achando que é branca?”: ao olhar ao redor, vêem que todos no bairro em que eles moram, e em que suas filhas foram criadas, são brancos e seguem um padrão de classe média, classe média alta, assim como eles, que são os únicos mexicanos do bairro.

Na última cena que envolve o casal, Gabrielle está comemorando bebendo margaritas (bebida alcoólica tradicional mexicana) o aceite de Juanita na escola, mas Carlos diz que mudou de ideia e seria melhor colocá-la em uma escola pública localizada em um bairro tradicional mexicano, pois assim ela teria um melhor contato com a cultura de seus ancestrais. Gabrielle rebate e diz que não quer Juanita se envolvendo com “aquele povo”.

Observa-se nas cenas seguintes e principalmente nessa cena final, que o real problema com o povo mexicano vinha de Gabrielle, pois quando ela era criança, sua família tinha problemas financeiros e ela acabou associando o “ser mexicano” ao “ser” pobre, adotando para si os comportamentos estereotipados associados a sua própria cultura.

METODOLOGIA

A análise aqui apontada parte da noção de que as nossas rotinas estão repletas de atuações performáticas, fazendo com que sejam desempenhados diferentes papéis associados às nossas origens étnicas, como as características físicas, de gênero e outros aspectos. Como apontado por Taylor (2013), essas formas de comportamento permeiam o imaginário social por meio de roteiros, que são levados até nós pelos arquivos presentes na mídia em suas mais diversas formas. Dessa maneira, “O roteiro funciona como uma moldura que possibilita a transferência do repertório para o arquivo.” (TAYLOR, 2013, p. 96).

O sistema paradigmático é determinante na constituição de uma ideia de legitimidade, segundo a qual o autêntico é aquele que corresponde a imagem roteirizada que se sedimentou no imaginário coletivo. O condicionamento a essas características teatrais tendem simplificar e generalizar o outro quando se referem às noções identitárias, o que é uma forma de representação que caracteriza o estereótipo descrito por HALL (2003, p. 190). Conceitos como roteiro e performance nos parâmetros apontados acima se apresentam como métodos, que possibilitam a identificação de quais os comportamentos envolvidos na constituição da imagem que normatiza a legitimidade de um ser latino.

Outro aspecto observado ao longo do estudo do objeto se refere a posição social que essa identidade roteirizada ocupa e o quanto ela é capaz de negociar esse espaço. Para Butler (2015, p.28 e 29), pensar a posição de valorização social significa identificar o quão visível é esse conjunto de indivíduos dentro da moldura social. Em sua analogia a um quadro, no qual a cena que vemos é enquadrada (*framed*⁴) na parede,

⁴ Em sua obra *Quadros de Guerra: Tiraniyas da intimidade*, Judith Butler aponta para os significados do termo *framed* na língua inglesa, já que o termo, cuja tradução literal seria enquadrar, pode possuir o sentido de condenar um inocente. Para esse indivíduo prisioneiro sair de uma forma de moldura que o enquadra possui o sentido de libertação. No caso da comparação dentro das dinâmicas sociais, entrar

as vidas de prestígio social estão inclusas na tela e suas perdas são sentidas e visíveis. Fora da moldura, determinados segmentos da população vivem no ambiente no qual são perceptíveis, pois sabemos de sua existência, embora suas vidas passem invisíveis. É importante ressaltar, no entanto que algumas vezes, a representação e os limites impostos por este enquadramento podem ser questionados, gerando momentos de reestruturação de parâmetros, como destacado pela própria autora:

O enquadramento que busca conter, transmitir e determinar o que é visto (e algumas vezes, durante um período, consegue fazer exatamente isso) depende das condições de reprodutibilidade para ter êxito. Essa própria reprodutibilidade, porém, demanda uma constante ruptura com o contexto, uma constante delimitação de novos contextos, o que significa que o "enquadramento" não é capaz de conter completamente o que transmite, e se rompe toda vez que tenta dar uma organização definitiva a seu conteúdo. (BUTLER, 2015, p. 25 e 26)

Essa noção de visibilidade permite estabelecer níveis da precariedade⁵ associada à determinados grupos identitários, assim como destacar algumas estratégias dos indivíduos dessas comunidades de características ditas subalternas para fazer parte do espectro de visibilidade social.

PERFORMANDO A IDENTIDADE

Ao criar padrões de visibilidade, o ato de enquadrar fatos ou identidades cria a moldura que “(...) nunca determinou realmente, de forma precisa o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos”, (BUTLER, p.24), já que se organiza em contextos e temporalidades específicas. A fala de Butler serve para ilustrar o porquê de

na moldura tem o sentido oposto, já que as vidas que passam a ser *framed* têm um menor nível de precariedade.

⁵ A noção de precariedade é compreendida aqui, de acordo com Butler (2015, p. 30), como a condição na qual a forma de sobrevivência de um grupo não possui os aspectos mínimos que constituem uma vida dentro da moldura social como: habitação, moradia e alimentação. Outro aspecto que define a importância da vida de determinado indivíduo, com características identitárias específicas, está relacionado ao grau de comoção social em relação a sua perda.

Gabrielle Solis ter evitado falar de sua ancestralidade mexicana e a do marido, para a filha. Com uma infância difícil e marcada pelos problemas financeiros, a personagem associava o “ser” mexicano à pobreza, por isso não queria se emoldurar em sua etnicidade, e também emoldurar suas filhas nisso.

Aceitar ser latina, em toda a série, para Gabrielle depende de diversas situações que a colocam em posições diferentes. Quando ela estava atrás de uma vaga na melhor escola particular da cidade para sua filha, ela poderia tirar vantagens dessa imposição em que os laços de sangue a colocaram: ser mexicana significava diversidade, mesmo que nem ela e nem suas filhas estivessem inseridas no contexto cultural mexicano. O colorismo dos tons de pele latino-americanos, e os traços faciais característicos, facilitam na identificação étnica da família, por parte do diretor da escola, que queria ter heterogeneidade no ambiente escolar.

Aceitar-se latina e identificar-se como tal era uma dificuldade para a personagem, quando essa identificação não traria vantagens para si ou para sua família. Sua identificação, funcionava como uma encenação, ou performance, para que o objetivo fosse alcançado. Podemos conceituar esse exemplo com o que Sennet traz em sua obra *O Declínio do Homem Público - as tiranias da intimidade* (2016, p.), ao apontar a utilização de máscaras sociais que nos adaptam às diferentes performances cotidianas:

As aparências são máscaras, e o homem por detrás da máscara tem a ilusão de uma personalidade separada e estável, mas está, de fato, prisioneiro dessas aparições momentâneas. É uma tênue formulação de um tema mais amplo nessa sociedade: o do temor da demonstração involuntária da personalidade. (SENNETT, 2016, p.234).

CONVENIENTES E INCONVENIENTES DE UMA IDENTIDADE SUBALTERNA

Gabrielle se utilizava da máscara de um orgulho de ser latina que na verdade não existia, pois ela naturalmente não se identificava como uma. A performance de ser uma

latina orgulhosa era uma máscara e trocava de lugar, quando não necessária, com sua personalidade, sendo assim, como apontado por Sennett (2016, p.234), uma aparição momentânea, mas que na verdade era algo intrínseco a ela, ao qual ela temia demonstrar para não ser associada aos estereótipos.

Assim, tão preocupada em se distanciar do sentido da carga simbólica de ser latina, a personagem coloca-se na performance do que para ela é o ser americana (morar em um bairro de classe média, colocar filhos em escola particular, não estar em um emprego de mão de obra não qualificada e apenas falar em inglês), sendo que essa forma de atuação acaba interferindo no processo de socialização de suas filhas. Observa-se assim, que a identidade latina dos personagens só é acionada em determinados momentos, estando essa identidade apenas reconhecida quando associada a um padrão de comportamento específico. Um exemplo disso pode ser identificado na cena na qual a menina tem que falar espanhol ao se despedir do diretor para provar sua origem mexicana.

Carlos, o pai de Juanita, tenta resolver a questão da identidade social, negociando com Gabrielle para não colocar a filha na escola particular, e sim em uma escola pública em um bairro majoritariamente populado por mexicanos, para que ela possa ter a consciência de sua ancestralidade. Tal solução apontada por Carlos, é conceituada também por Sennett quando o autor aponta que

(...) qualquer tipo de comunidade é mais do que um conjunto de costumes, de comportamentos ou de atitudes a respeito de outras pessoas. Uma comunidade é também uma identidade coletiva. É uma maneira de dizer quem ‘nós’ somos. (SENNETT, 2016, p.323)

Colocar Juanita no meio da comunidade mexicana é tentar incluí-la na cultura na qual Carlos foi criado e se orgulha de ter vindo; mantê-la alheia a essa cultura é negar-lhe sua ancestralidade e também a construção de uma conexão com diferentes formas de vivenciar a identidade latina.

Muito mais do que Juanita aparentar ser mexicana, a comunidade latina se fortalece quando há a identificação do sujeito com suas origens. No caso de Juanita, socializada em um bairro branco de classe média, era necessário que ela tivesse contato com um conjunto de hábitos e modo de vida ditos latinos para que ela pudesse se sentir integrante, em sua comunidade ancestral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da construção de situações que tensionam questões identitárias, o episódio da série escolhido para análise ressalta questões relativas às performances sociais em uma esfera étnica. Como apontado por Diana Taylor (2013), a teatralização do corpo em determinado contexto é um aspecto que cerca o nosso cotidiano, determinando papéis e formas de atuação específicas, que podem ser encenadas para diferentes públicos. Como analisado, observamos que no objeto escolhido duas atuações performáticas se destacam de maneira imponente no núcleo familiar analisado: a performance do ser americano e ser latino dentro de um bairro de classe média em uma cidade no interior dos Estados Unidos.

Nesse sentido, observa-se como cada uma dessas formas performáticas apresenta uma série de características específicas, ou seja, formas de comportamento e ações roteirizadas na esfera social, que pautado em estereótipos criam noções de autenticidade engessadas. Dessa maneira, cada uma das identificações performadas pelos personagens são usadas de modo conveniente e diferenciado a depender da situação em que cada performance pode ser considerada mais favorável, sendo que essa escolha estará fortemente associada ao meio social e ao grau de reconhecimento de terceiros em relação à identidade mexicana.

Além de questões abordadas no campo da performance, observa-se o peso da noção de precariedade que recai sobre o ser latino. A personagem Gabrielle tenta se distanciar, apagando qualquer discussão ou questionamento sobre sua origem étnica e à

medida que se afasta colabora com a criação da figura estereotipada que ela mesma perpetua, pautada na visão de terceiros. Para fugir desse enquadramento de subalternidade mexicana, que está fora do campo de visibilidade da moldura social, a matriarca do núcleo familiar busca aproximar-se do que para ela é a performance típica da “americanidade” mesmo que não admita, como quando se assusta ao descobrir que sua filha não conhece sua origem mexicana.

Os tensionamentos performáticos encenados pelos personagens refletem uma série de características da sociedade presente ao apontar as dificuldades do fator identidade, que apresenta-se de maneira tão líquida no contexto atual como apontado por Bauman⁶. Assim, o caso apresentado no produto cultural aqui analisado acaba refletindo muitas vivências da sociedade presente apontando as complexidades de performances que vão muito além dos estereótipos constituintes dos processos de identificação.

Mesmo buscando se assemelhar com o *american way of life*, a personagem compreende que será reconhecida socialmente como latina, embora seu estilo de vida corrente não se assemelhe a imagem da típica imigrante mexicana. Associar cada identidade étnica a uma performance específica em sociedade significa, portanto, excluir as complexidades de novas vivências e transformações de contextos que ampliam o significado de ser e sentir-se mexicana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** / Judith Butler; tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Desperate Housewives. Produção de Marc Cherry. 2004-2012.

⁶ Disponível em : <<http://www.portalraizes.com/identidade-zygmunt-bauman/>> Acesso : 04 de Julho de 2017

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização por Liv Sovilk. Tradução Adelaine La Guardia Resende et all. Editora : UFMG. Belo Horizonte. 2003

SENNETT, Richard, 1943. **O declínio do homem público** / Richard Sennett; tradução Lygia Araújo Watanabe. - 2ª ed. - Rio de Janeiro, 2016.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas** / Diana Taylor; tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.